

O ENSINO DO PANORAMA BÍBLICO HISTÓRICO-TEMPORAL DOS LIVROS PROFÉTICOS POSTERIORES COMO ESTUDO PRELIMINAR

Erika Vieira de Araujo Tavares ¹

RESUMO

Esta pesquisa foi desenvolvida com o objetivo de apresentar um estudo preliminar a ser aplicado pelos educadores bíblicos no ensino dos livros proféticos de Isaías a Malaquias, para auxiliar seu alunado na compreensão, interpretação e análise desses textos. Diferentemente da maioria dos livros veterotestamentários, organizados no cânon protestante de Língua Portuguesa de forma linear histórico-temporal, os proféticos posteriores encontram-se desalinhados nessa perspectiva. Assim, o primeiro desafio do estudante bíblico é compreender a contextualização de cada livro, o que nem sempre está explícito ou será, em si mesmo, identificável. A partir da pesquisa realizada, concluiu-se que o ensino panorâmico histórico-temporal dos livros em estudo oferecerá elementos exegéticos importantes como um ensino preliminar para o educando prosseguir no processo ensino-aprendizagem, considerando que a parte é compreendida no todo. O caminho seguido nesta pesquisa é do tipo bibliográfico e descritivo, com abordagem qualitativa e método dedutivo. Para a compreensão desses pressupostos, são utilizadas como referenciais as obras de Klein W William, Craig Blomberg, Robert Hubbard Jr., Roy B. Zuck, Augustus Nicodemus Lopes, Russel N. Champlin e Henry H. Hally. O trabalho é dividido em três sessões: as dificuldades histórico-temporais no estudo dos livros proféticos posteriores; a importância do estudo panorâmico na teologia bíblica; e o estudo panorâmico bíblico dos livros proféticos posteriores. A primeira seção se divide em “Os livros proféticos posteriores no ordenamento bíblico”; e “As dificuldades histórico-temporais”.

Palavras-chave: Ensino bíblico. Proféticos posteriores. Panorama bíblico.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa serviu para encontrar um método de ensino preliminar dos livros proféticos posteriores, de Isaías a Malaquias, para aplicação na Educação Cristã por educadores bíblicos a seu alunado, para suprir a demanda histórico-temporal presente

¹Mestranda em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná, graduanda em Pedagogia pelo Centro Universitário Cidade Verde, pós-graduada em Teologia e Cultura pela Faculdade Iguazu, pós-graduada em Enem: Competências e Habilidades em Linguagens e Humanas na Universidade Estácio de Sá (UNESA), bacharel em Teologia pela UNESA, licenciatura plena em Letras pela UNESA, contato e-mail kvatavares@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009000718003882>

nesses livros.

Diferentemente de outros livros bíblicos, os proféticos posteriores do Antigo Testamento estão concentrados organizacionalmente no final dos veterotestamentários, deslocados de suas cronologias históricas. Por isso, estudá-los torna-se desafiador para um discente, uma vez que foram proferidos para um momento específico no qual se encontram desalinhados frente aos históricos, nos quais se encontram contextualizados.

Nesta pesquisa, na perspectiva da Teologia Bíblica, busca-se por uma atividade a ser apresentada ao final, com a descrição pedagógica, alicerçada em uma base teórica que fundamente o seu propósito educacional e a sua aplicabilidade no ensino dos livros referidos, especificamente.

Para tanto, a pesquisa se dará pelo método bibliográfico e descritivo, ou seja, com o uso de pesquisas em livros de autores renomados para referencial teórico, bem como será apresentada a descrição de cada elemento de modo articulado que fundamente as proposições a serem apresentadas.

É usada a abordagem qualitativa durante a pesquisa, na busca por fontes bibliográficas específicas à temática, com aportes teóricos das obras de Klein W William, Craig Blomberg, Robert Hubbard Jr., Roy B. Zuck, Augustus Nicodemus Lopes e Henry H. Hally. Mediante leitura apurada serão construídos fundamentos para o objeto final, qual seja uma metodologia pedagógica para o educador bíblico. O método será o dedutivo, isto é, por uma lógica sequencial partindo do aspecto amplo para o específico do tema.

1. 1. DIFICULDADES HISTÓRICO-TEMPORAIS NO ESTUDO DOS LIVROS PROFÉTICOS POSTERIORES

2. Todos os livros bíblicos foram escritos para um destinatário específico, com assuntos históricos dentro de uma temporalidade. Como leitores do tempo presente, cada pessoa que se adentra no desafio da leitura bíblica precisa obter essas informações primárias para a compreensão dos livros na integralidade. Por vezes, as informações internas, ao longo da leitura, já oferecem essas informações. Contudo, no caso dos livros proféticos, de Isaías a Malaquias, em

considerável medida, o leitor precisará de informações externas auxiliares para alcançar esse objetivo, conforme se decorrerá ao longo desta sessão.

1.1 Os livros proféticos posteriores no ordenamento bíblico

Dos 39 livros do Antigo Testamento na Bíblia Sagrada Protestante, 16 são considerados proféticos e se encontram agrupados no final do compêndio, de Isaías a Malaquias. Comumente, são divididos em Maiores (Isaías, Jeremias, Ezequiel e Daniel) e Menores (Oséias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias), considerando o volume de sua produção.

Lopes (2004, p. 37) os apresenta como Posteriores, em diferenciação aos Anteriores (livro de Josué, Juízes, I Samuel, II Samuel, I Reis e II Reis) ao adotar a nomenclatura da divisão hebraica do cânon do Antigo Testamento. Como a Bíblia Cristã encontra sua origem na Bíblia Hebraica, as nomenclaturas de seus livros e sua organização interna baseiam-se neste cânon. Por isso, para se entender melhor a organização dos livros de Isaías a Malaquias, segue um breve resumo dessa tradição canônica.

A origem do cânon hebraico remonta a séculos antes da Era Cristã. Klein, Blomberg e Hubbard (2017, p. 213) apresentam uma tradição judaica antiga, na qual o ordenamento bíblico era da seguinte forma: a Lei (Gênesis a Deuteronômio), os Profetas (Josué, Juízes, Samuel, Reis, Jeremias, Ezequiel, Isaías e os doze Profetas Menores) e os Escritos (Rute, Salmos, Jó, Provérbios, Eclesiastes, Cântico dos Cânticos, Lamentações, Daniel, Ester, Esdras-Neemias e Crônicas).

Champlin (2008, v.1, p. 529) apresenta uma outra configuração dos livros Escritos, na qual englobaria apenas os poéticos Salmos, Provérbios e Jó; pois acrescenta uma quarta divisão, que seria os Rolos (Cantares, Rute, Lamentações, Eclesiastes, Ester e Daniel). De toda forma, a divisão do Antigo Testamento entre os judeus agrupava os livros por tópicos temáticos e não por cronologia histórica.

Na ocasião da tradução da Bíblia Hebraica para o grego na Septuaginta², o cânon

² Segundo Lima (2021, não paginado), em meados do século III a.C., surgiu a Septuaginta, obra que, até onde se sabe, foi a primeira tradução dos textos do Antigo Testamento (escritos originalmente em hebraico e aramaico) para um outro idioma.

hebraico estava organizado com os livros dos Profetas e dos Escritos misturados uns aos outros. O motivo dessa nova configuração é

Para criar uma sequência de passado, presente e futuro: de Gênesis a Ester descreve a história primeiramente da raça humana e depois de Israel, da criação até o século V a.C.; de Jó até Cântico dos Cânticos inclui salmos e sabedoria para a vida presente; e de Isaías até os Doze preserva a forma da profecia que em sua maior parte proclamação (predição e transmissão) em vez de narrativa histórica (KLEIN Et al., 2017, p. 213).

A Bíblia em Língua Portuguesa possui seu texto de tradução original da Septuaginta, logo adotou esse ordenação dos seus livros, que às vezes segue uma consideração cronológica, enquanto outros se encontram desalinhados dos demais documentos bíblicos a que estão historicamente interligados. Assim, os livros proféticos posteriores foram, em parte, desalinhados da sua perspectiva histórico-temporal na Bíblia Hebraica e, conseqüentemente, na sua tradução em Língua Portuguesa, criando uma demanda exegética, a qual será explanada no tópico seguinte.

1.2 Dificuldades histórico-temporais

Se pelo distanciamento contextual, cultural, linguístico e autoral entre o autor do livro e o seu leitor nos dias de hoje, já é desafiador interpretar os livros bíblicos em geral, muito mais complexo é, quando, dentro do ordenamento canônico, muitos dos livros proféticos aparecem agrupados sem qualquer orientação exterior sobre o seu contexto histórico-temporal. Nem mesmo há uma lógica sequencial que facilite ou inicie o processo exegético necessário. Assim, é preciso buscar o contexto original desses escritos para compreender, interpretar e analisar suas mensagens.

Sobre essa temática, Klein et al. (2017, p. 52) explicam, de modo sucinto, que ler a Bíblia é ler a correspondência de outra pessoa, sendo que autores e destinatários originais viveram um tempo histórico distante. Qualquer interpretação aleatória sobre ela, incorrerá em erro.

Toda interpretação passa por pressupostos adquiridos por fontes de conhecimento, uma vez que o aprendizado é como uma linha contínua, a qual está em processo de formação constante. Se nesse processo houver um percepção pessoal ou

inferências descontextualizadas, toda a linha de ideais ficará comprometida.

Lopes (2004, p. 55) explica que na exegética rabínica, havia o *peshat*, termo grego que significa “despir”, ou seja, o sentido de expor inteiramente o texto bíblico. Ainda, afirma ser algo similar ao que hoje é denominado “método gramático-histórico”, sob o qual a interpretação textual ocorre frente às interpretações filológicas e ao contexto histórico da passagem. Sendo assim, pode-se compreender que a contextualização dos livros proféticos dentro da narrativa histórica dos israelitas é pautada em metodologias milenares.

Segundo Lopes ((2004, p. 25), “O distanciamento, portanto, tem exigido dos leitores da Bíblia ao longo dos séculos a tarefa de interpretá-la. Interpretar é tentar transpor o distanciamento em suas várias formas”. Assim, o único modo de estudar os livros proféticos é aproximando-se de sua ligação histórico-temporal com os demais livros, em especial os Históricos.

Esse processo de enquadramento histórico, ajustando narrativas proféticas, cria uma sequência de entendimento, uma vez que se propõe a adentrar nos pontos principais de uma linha de tempo e acontecimentos que deem ao livro bíblico uma contextualização primária, mas importante para a continuidade exegética. Por isso, na próxima seção, são apresentados argumentos que validam esta perspectiva.

3. 2. A IMPORTÂNCIA DO ESTUDO PANORÂMICO NA TEOLOGIA BÍBLICA

4. Existem desafios na interpretação bíblica com relação à distância temporal, cultural, geográfica e de idioma, os quais são transpostos diante de uma pesquisa contextualizada em cada um desses quesitos exegéticos. Compreende-se por exegese os elementos encontrados em uma pesquisa, que possibilitam o entendimento interpretativo do texto, chamado de hermenêutica. Klein et al. (2017, p. 49) oferecem uma definição dessa forma de interpretação como “uma arte como uma ciência”. Arte, pois exige uma gama de inferências preliminares pelo pesquisador; ciência, pois há metodologia específica. Zuck discorre que:

5. É importante conhecer as circunstâncias que cercavam determinado livro da Bíblia. Para tanto, procura-se responder às seguintes perguntas: Quem

escreveu o livro? Em que época foi escrito? O que levou o autor a escrevê-lo? Em outras palavras, a que problemas, situações ou necessidades ele estava referindo-se? De que trata o livro? Ou seja, qual é seu tópico ou tópicos principais? Para quem foi escrito? Quer dizer, quem foram os primeiros leitores ou ouvintes? As respostas a essas indagações podem ajudar-nos a discernir o que o livro está dizendo (ZUCK, 1994, p. 89).

6. Este trabalho pretende responder a algumas dessas perguntas levantadas pelo autor: Em que época foi escrito? O que levou o autor a escrevê-lo? Em outras palavras, a que problemas, situações ou necessidades ele se refere? Para quem foi escrito? Para a segunda, será feita uma contextualização histórica, reportando o fato que ensejou a inspiração divina profética. Portanto, a questão que permeia esta pesquisa é a busca por um método para se aplicar no estudo dos livros proféticos posteriores como estudo preliminar para responder a essas lacunas.

7. A resposta primeira, de modo abrangente, seria que é necessário compreender um todo para se compreender uma parte. É como se distanciar de uma obra de arte para contemplá-la e depois, aproximando-se, ser capaz de olhar de perto cada parte já sabendo o que compõe no todo. Essa prática acontece dentro de um panorama bíblico, quando os principais acontecimentos históricos estão em destaque e alinhados para a compreensão de cada parte, dentro da unidade geral da Bíblia. Sobre isso, vê-se que

8. A teologia bíblica se relaciona mais de perto com o desenvolvimento da teologia dentro do desenvolvimento da própria Bíblia. Ela apresenta a teologia que a própria Bíblia contém. George Ladd traz esta definição: 'A teologia bíblica é a disciplina que explica a mensagem dos livros da Bíblia no seu cenário histórico. A teologia bíblica é primariamente uma disciplina descritiva (KLEIN Et al., 2017, p. 718-719).

9. Ou seja, no seu próprio cenário histórico, o texto bíblico expõe o conhecimento contido. Logo, o estudo panorâmico sinaliza, ainda na temporalidade, as informações sobre o próprio texto para explicá-lo.

10. Na Língua Portuguesa, entre as funções da Linguagem, está a metalinguagem, isto é, quando o próprio recurso linguístico se explica. Como exemplo clássico, há o dicionário que se utiliza de palavras para definir palavras. Assim, pode-se inferir que a teologia bíblica utiliza de seus livros para explicá-los. Desta feita, pode-se reconhecer que o panorama bíblico é uma metalinguagem dentro da Teologia.

Neste caso, o todo explica a parte.

11. O estudo panorâmico está no escopo da teologia bíblica, sob o olhar da Bíblia sobre a própria Bíblia, na busca por elementos exegéticos autoexplicativos, para preencher lacunas interpretativas. Assim, o panorama bíblico histórico-temporal poderá responder às questões sobre a quem destinaram suas profecias e os porquês de cada uma delas, bem como em quais contextos históricos se encontravam na linha temporal. São essas respostas que poderão ajudar como estudo preliminar aos estudantes bíblicos naquele aprendizado, como é apresentado a seguir.

12. 3. ESTUDO PANORÂMICO BÍBLICO DOS LIVROS PROFÉTICOS POSTERIORES

Na divisão do cânon sagrado, os livros dos profetas posteriores estão alinhados na seguinte sequência bíblica: Isaías; Jeremias; Ezequiel; Daniel; Oseias; Joel; Amós; Obadias; Jonas; Miquéias; Naum; Habacuque; Sofonias; Ageu; Zacarias; Malaquias. Segundo Halley (2000, p. 296), esses livros encontram-se na seguinte cronologia com datas aproximadas, em um panorama temporal: Jonas em 770 a.C.; Amós, 760 a.C.; Oséias, 760-730 a.C.; Isaías, 740-700 a.C.; Miquéias, 737-690 a.C.; Naum, 650 a.C.; Habacuque, 630 a.C.; Sofonias, 627 a. C.; Jeremias, 627-580; Daniel, 605-530 a.C.; Ezequiel, 593-570 a.C.; Ageu, 520 a.C.; Zacarias, 520-518 a.C.; Joel, 500 a.C.; Obadias, 500 a.C.; Malaquias, 443 a.C.

Pautados nos escritos de Halley (2000, p. 297-393), serão apresentados fatos históricos bíblicos, de forma concisa, envolvendo os livros proféticos posteriores, ainda na sequência canônica. A inclusão dos profetas anteriores neste estudo, como ponto de partida, será meramente para organizar a sequência histórica, não sendo o objeto da pesquisa. A apresentação panorâmica histórico-temporal ordenada em quadro estará exposta nas considerações finais deste trabalho, como conclusão final à pesquisa.

Os livros proféticos anteriores, Josué e Juízes contam histórias do período Sacerdotal, isto é, da entrada do povo de Israel em Canaã até o início da Monarquia Israelita. Os livros de Samuel relatam as histórias dos períodos da monarquia única (dos reis Saul e Davi). Os livros I e II Reis discorrem sobre fatos da vida e governo do rei

Salomão (último da monarquia única), bem como relatam a divisão da nação de Israel em dois reinos: Reino do Norte, nação de Israel, e Reino do Sul, nação de Judá.

Isaías foi um profeta do Reino do Sul, que profetizou entre 740 e 700 a.C., aproximadamente. Portanto, viveu o tempo em que a Assíria dominou Samaria e levou o povo de Israel cativo. Foi o intercessor da sua nação quando Deus os poupou da dominação assíria em 701 a.C. (Halley, 2001, p. 297-299).

Jeremias começou a profetizar em 626 a.C., cerca de cem anos após Isaías, como profeta em Jerusalém. Intercedeu para evitar que a Babilônia conquistasse aquela cidade, contudo, não alcançou êxito, fato ocorrido em 605 a.C. (Halley, 2001, p. 316.317). Ezequiel foi contemporâneo de Jeremias, sendo este já idoso, e profetizou durante o seu cativeiro babilônico, sendo levado para lá em 597 a. C., onze anos antes da destruição total de Jerusalém, com o conseqüente fim do Reino de Judá (Halley, 2001, p. 332.333).

O profeta Daniel chegou à Babilônia nove anos antes de Ezequiel. Ele foi levado na primeira leva de cativos (em 605 a.C.), outras ocorreram em 597, 586 e 582 a.C, e profetizou para reis babilônicos (Halley, 2001, p. 345.346). Já Oséias foi o único dos profetas que pertenceu ao Reino do Norte, embora tenha feito profecias ocasionais à Judá. Ele começou seu ministério quando Israel estava no seu apogeu, durante o governo de Jeroboão II (793-753 a.C.) e previu a queda da sua nação (Halley, 2001, p. 357).

O livro de Joel possui imprecisões quanto à sua escrita, mas é considerado um dos livros mais antigos entre os profetas de Judá, possivelmente do tempo do rei Joás (c. 830 a.C.) ou do rei Uzias (c.750 a.C.), (Halley, 2001, p. 361-362). Amós foi profeta em Judá, mas profetizou também para Israel. Estima-se que seu ministério remonte a meados de 750 a.C., pois o terremoto por ele predito ocorreu na ocasião em que Uzias foi ferido com lepra. Também se considera que fosse contemporâneo ou posterior ao profeta Joel, pois este também descreve aquele fato dos gafanhotos em Israel (Halley, 2001, p. 363-364).

Obadias profetizou contra Edom, após saquearem Jerusalém. Como ocorreram quatro saques históricos a essa cidade na Bíblia, não há precisão em qual tenha sido de fato. Como a destruição de Jerusalém é mencionada pelo profeta, ocasião do reinado de Zedequias, em 586 a.C. presume-se que fosse esse o seu tempo (Halley, 2001, p. 367-368).

O profeta Jonas é o mesmo que aparece em II Reis 14.25, segundo Halley (2000, p. 369), durante o reinado de Jeroboão II (793-753 a.C.); logo, além de profeta, era um estadista em Judá. Por volta de 770 a.C. entregou a mensagem de juízo e, posteriormente, de misericórdia à cidade de Nínive, capital do Império Assírio (Halley, 2001, p. 376).

Miquéias, profeta de Judá, embora tenha proferido sobre o Reino do Norte, foi contemporâneo de Isaías e Oséias. Ele profetizou e viu os assírios deportarem os habitantes de Israel em 734 a.C., bem como a destruição de Samaria em 722 a.C. (Halley, 2001, p. 373). Naum foi o profeta que levou a mensagem de destruição para Nínive, em 650 a.C., ou seja, 120 anos após Jonas ir para esta cidade.

O profeta Isaías e Sofonias também proferiram palavras de juízo contra os ninivitas. (p. 376). A profecia de Habacuque está entre 625 e 606 a.C., provavelmente em 607, ocasião do reinado de Jeoaquim, em Judá. Neste tempo, a Babilônia já fazia investidas contra o Reino do Sul, mas sem dominá-la. (Halley, 2001, p. 378). Sofonias profetizou no reinado de Josias (641-609 a.C.), portanto alguns anos antes da queda de Judá em 586 a.C. (Halley, 2001, p. 380).

As profecias de Ageu, Zacarias e Malaquias são posteriores ao cativo, quando a Média e a Persa derrubam o império babilônico. Em 538 a.C., após 70 anos de exílio, o rei medo-persa Ciro permite o regresso dos remanescentes judeus para Jerusalém.

As pregações de Ageu e de Zacarias são incentivos ao povo para a reconstrução do Templo, que durou quatro anos, entre 520 a 516 a.C. (Halley, 2001, p. 382.385). Por fim, o profeta Malaquias inicia seu ministério cerca de cem anos após os de Ageu e Zacarias. Sessenta anos depois do templo construído, Esdras foi ajudar em Jerusalém para restabelecer Judá (458 a.C.), e, 14 anos depois, Neemias vai para reconstruir os muros (444 a.C.). Malaquias, provavelmente, cooperou com esses homens, além de passar as últimas revelações veterotestamentárias aos remanescentes de Judá (Halley, 2001, p. 391).

13. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como resposta ao problema que fomentou esta pesquisa, apresenta-se um

quadro estruturado, de forma simples e sequenciada, baseando-se em Halley (2000, p. 294-393), com os destaques necessários para o entendimento do aluno sobre os livros proféticos posteriores como ensino preliminar, sem adentrar em pormenores, como o próprio panorama bíblico preconiza, conforme exposto na segunda seção deste trabalho.

Tabela – Panorama bíblico histórico-temporal dos livros proféticos posteriores

PROFETA (nome do livro)	CRONOLOGIA (datação ministerial)	CONTEXTO HISTÓRICO (todos os profetas atuaram durante a monarquia de Israel dividida em Reino do Norte, Israel; e Reino do Sul, Judá)	RECEPTOR (nação)
JONAS	cerca de 770 a.C. .	Neste tempo, a Assíria já era uma potência militar. Nínive sua capital. Os assírios faziam diversas incursões sobre o reino de Israel, mas não a dominavam.	Nínive (Assíria)
AMÓS	cerca de 750 a.C.	Profetizou na época do rei Uzias em Judá e do rei Jeroboão em Israel.	Judá e Israel
OSÉIAS	cerca 760-730 a.C.	Único dos profetas que pertenceu ao reino do Norte, profetizou para cinco dos seus reis: Jeroboão, Zacarias, Salum, Manaém e Pecaías. De 733 a 722, os assírios intensificaram seus ataques a Israel.	Judá e Israel
ISAÍAS	cerca de 740-700 a.C.	Presenciou a destruição da nação de Israel pela Assíria, após ser dominada em 721 a.C. no reinado do rei Oséias. Profetizou para quatro reis de Judá: Uzias, Jotão, Acaz e Ezequias.	Judá
MIQUÉIAS	cerca de 737-690 a.C.	Profetizou para três reis de Judá: Jotão, Acaz e Ezequias.	Judá e Israel
NAUM	650 a.C.	Tendo dominado Israel por cerca de 70 anos, este profeta anuncia a ruína total de Nínive (assírios).	Nínive
HABACUQUE	cerca de 630 a.C.	Ocasão do reinado de Jeoaquim, em Judá. Neste tempo, a Babilônia já fazia investidas contra Judá, mas sem dominá-la.	Judá
SOFONIAS	627 a.C.	Profeta no reinado do rei Josias.	Judá
JEREMIAS	627-580 a.C.	Israel foi destruída pelos assírios. Previu e vivenciou a queda de Jerusalém que aconteceu em 587 a.C.	Judá
DANIEL	605-530 a.C.	Vivenciou a queda de Jerusalém em 587 a.C. Foi levado cativo para a Babilônia na primeira leva de deportados, em 605 a.C.	Babilônia
EZEQUIEL	593-570 a.C.	Contemporâneo de Jeremias, profetizou durante o seu cativeiro babilônico, sendo levado para lá em 597 a. C., onze anos antes da destruição total de Jerusalém, com o conseqüente fim do Reino de Judá.	Cativos babilônios
AGEU	cerca de 520 a.C.	Profeta do período posterior ao regresso dos remanescentes do cativeiro babilônico. Agora sob o domínio do medo-persa. O Profeta anima o povo para a construção do Templo.	Remanescent es de Jerusalém
ZACARIAS	cerca de	Contemporâneo de Ageu. Incentivou a	Remanescent

	520-518 a.C.	reconstrução do Templo de Salomão, exortando o povo. A obra foi concluída em 516 a.C.	es de Jerusalém
JOEL	500 a.C.	Profeta do período em que Judá foi dominada pelo império medo-persa.	Remanescentes de Jerusalém
OBADIAS	500 a.C.	Profeta do período medo-persa. Durante a dominação babilônica, Jerusalém havia sido saqueada por algumas nações, entre elas Edom.	Edom
MALAQUIAS	cerca de 450-400 a.C.	O povo que retornou a Judá está estabelecido há cerca de 100 anos. Malaquias teria apoiado Esdras e Neemias.	Remanescentes em Jerusalém

14. Espera-se que este estudo possa contribuir para o planejamento das aulas bíblicas dentro da temática apresentada e, ainda, ser aprimorado para novas proposições educativas. Afinal, trata-se de dois assuntos imprescindíveis para reflexões continuadas: a educação bíblica e a metodologia de estudo.

15. REFERÊNCIAS

16. CHAMPLIN, Russel Norman. **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia**. São Paulo: Hagnos, 2008. v. 1.

HALLEY, Henry H. **Manual bíblico de Halley**: Nova Versão Internacional. Tradução de Gordon Chow. São Paulo: Vida, 2001.

KLEIN, William W.; BLOMBERG Craig L., HUBBARD JR. Robert L. **Introdução à interpretação bíblica**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.

LIMA, Anderswon de Oliveira. **A Septuaginta em língua portuguesa na tradução de Frederico Lourenço**. Estudos de Religião, v. 35, n. 1 • 49-62 • jan.-abr. 2021 • ISSN Impresso: 0103-801X – Eletrônico: 2176-1078. Disponível em: <https://revistas.metodista.br/index.php/estudosreligiao/article/view/315/306> Acesso em: 11 jan. 2025.

LOPES, Augustus Nicodemus. **A Bíblia e seus intérpretes**: uma breve história da interpretação. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

ZUCK, Roy B. **A interpretação bíblica**: meio de descobrir a verdade bíblica. São Paulo: Vida Nova, 1994.